novas da galiza

número 217
Dezembro 2022
3 euros

opiniom
Açons perante a emergência climática 3

em movimento
Vigo: a 'pólis' de Abel Caballero? 10

a terra treme
Código cubano de Famílias reconhece diversidade 12

6-8

Galiza queima e nom recicla

Associaçons ecologistas e grupos políticos advertem sobre a urgência de umha reforma no tratamento de resíduos. Com um modelo caducado e colapsado, o país continua a queimar e enterrar a maioria do lixo. Os dados de SOGAMA, Barbança e Nostiám colocam a Galiza no fim do Estado e da Europa, impossibilitando os objetivos da UE para 2025 de atingir 55% de reciclagem.

EM MOVIMENTO / **14**

Greve histórica das balconistas de Inditex

Após o aumento de benefícios do grupo, as trabalhadoras de Inditex na Corunha movimentárom-se por umha repartiçom igualitária do lucro. O agravo comparativo em condiçons laborais e salários entre empregadas originaram umha greve histórica iniciada no *Black Friday*. Carmiña Naveiro, presidenta do Comité de Zara e representante da CIG-Serviços, bota luz sobre as mobilizaçons, pressons internas e a repressom policial que enfrentárom. Com sucesso de convocatória, a açom sindical logrou um melhoramento de 4.800 euros brutos apenas uns dias antes do Natal.

CONSELHO DE REDAÇOM/ Aarón L. Rivas, Charo Lopes, Elena Martín Lores, José João Rodrigues, Laura R. Cuba, Maria Álvares, Maria Rodinho, Xian Naia S.

CORREÇOM LINGÜÍSTICA/ André Taboada Casteleiro, José João Rodrigues, Lucia Cernadas, Rosa Casais, Vichu García Torea, Xian Naia S.

MAQUETAÇOM/ Novas da Galiza
COORDENAÇOM DE IMAGEM/ Charo Lopes
ADMINISTRAÇOM/ Antia Balseiro.
WEB E REDES SOCIAIS/ Laura R. Cuba, Ares Branco Lopes

COLABORAM NESTE NÚMERO/ Anabel Varela, Rebeca Martínez, Ugio Caamanho, Diego Garcia, Borxa Toxa, Manuel M. Barreiro, Uxía Castro, Julio Vilariño, Marcos Abalde Covelo.

FECHO DE EDIÇOM 22/12/2022

EDITA/
Associaçom Cultural Minho Media

SUBSCRIÇONS/
assinantes@novas.gal

Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa

DEPÓSITO LEGAL / C-1250-02

EDITORIAL / A miragem do Natal

Estamos numha das datas de maior consumo do ano, as festas do Natal. Um superestímulo de luzes e compras que pouco conserva já dum solstício de inverno agasalhado com a presa de castanhas que tradicionalmente trazeria o Apalpador.

freepik

Colocamos a mesa, enchemos as fontes, convidamos à ronda e pedimos o tíquete de presente nas lojas. No Natal moderno, quem pode, deixa-se levar pola publicidade, a ânsia ou o compromisso de participar numha troca de presentes e compras, sem pensar ainda na previsível e aparentemente inevitável "costa de janeiro".

Contodo, cada vez podem menos. Mesmo quem tem trabalho, nom chega a fim de mês. E o consumismo resulta ainda mais doloroso para quem nom dá chegado a ele, e vê o convite por todo lado. Neste contexto, resulta particularmente luminoso, esperançador, ver umha manifestaçom no interior dum centro comercial, como vemos as balconistas de Inditex, por exemplo, a organizarem umha greve histórica para colocar o debate fora de campanhas de saldos, e dentro da desigualdade de gênero das condiçons laborais. Mais umha vez, umha pequena vitória das trabalhadoras.

A grande festa da abundância é umha ilusom para muitas e muitos; mas mesmo para aquelas pessoas que conseguem entrar na roda, a dinâmica acaba em ressaca e refugalhos. E assim que a festa remate tocará limpar debaixo do tapete essa ingente quantidade de lixo que está a condicionar a habitabilidade do nosso planeta, da nossa casa.

alto falante
altofalante@novas.gal

Eólica assim nom! Dia internacional da Montanha

Estamos metidas de cabeça num novo proceso de colonizaçom energética que no franquismo destruiu os rios e que agora vai atrás das terras, montes e mesmo do mar, enquanto a pobreza energética aumenta e comarcas inteiras vam a caminho da desertizaçom social e industrial. As montanhas galegas som as principais vítimas da vaga eólica que estamos a viver ao construir os lugares preferentes polas promotoras para colocar os seus megaprojetos eólicos, ao serviço exclusivo do oligopólio elétrico, despojando-as praticamente de todos os seus valores e funçons de caráter ambiental, paisagístico, cultural e socioeconómico.

As montanhas representam as nascentes dos rios e regos de que nos abastecemos de água, oferecendo 80% dos recursos hídricos que consumimos e proporcionando outros múltiplos e variados serviços ecossistémicos como o controlo da erosom do solo, a regulaçom atmosférica, a paisagem, reservatório do nosso património cultural, reserva de habitats de alto valor natural e grande biodiversidade etc. (...)

O modelo de transiçom energética que está a ser imposto polos governos da Xunta e do Estado espanhol nom responde aos principios de umha transiçom ecológica e justa nem arranja os defeitos estruturais do atual sistema energético. Existem outros modelos energéticos realmente justos e sustentáveis. (...) tenhem como principios fundamentais os seguintes:

1. Proteger a Natureza.
2. Preservar as zonas de pesca e dos corredores ecológicos marinhos.
3. Cuidar e valorizar o nosso patrimonio.
4. Direito a umha energia compatível com a soberania alimentícia.
5. Aposta na poupança e eficiência energética antes que no aumento na geraçom.
6. Defender a soberania sobre os nossos recursos frente ao espólio energético.
7. Umha planificaçom eólica com fins socioambientais e ao serviço do país.
8. Participaçom pública frente aos recortes democráticos e ilegais.
9. Princípio de precauçom para a preservaçom da saúde pública.

Temos alternativa! Energia justa e sustentável, energia por e para o povo!

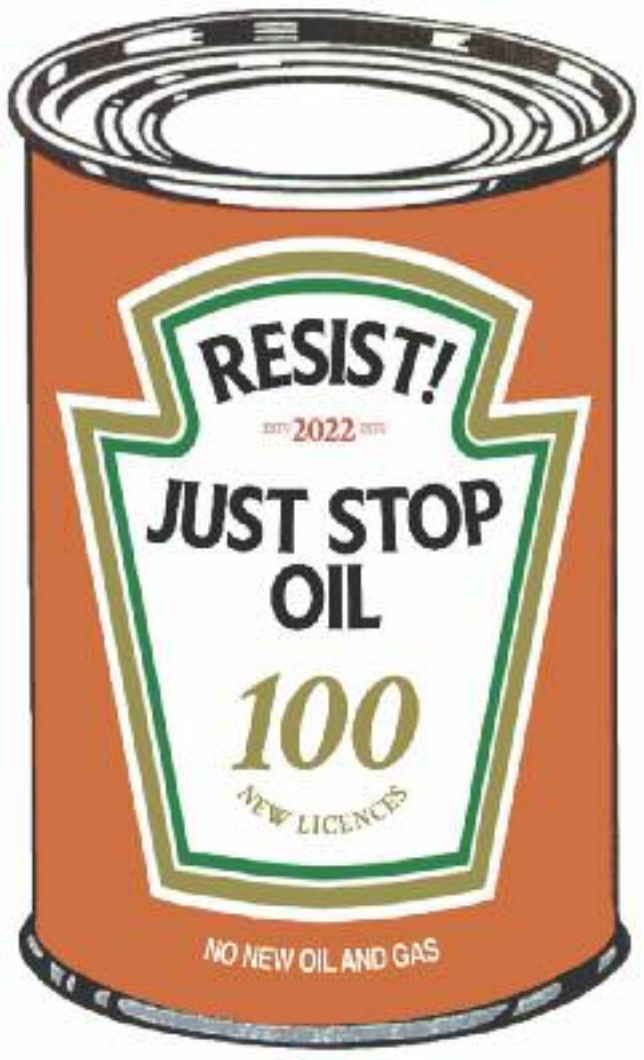
Plataforma Eólica Así Non/
Galiza, 11 de dezembro de 2022

Açom ou extinçom?

ANABEL VARELA

Nos últimos meses ativistas polo clima estám a empregar como estratégia para chamar a atençom sobre a emergência climática o ataque a renomeadas obras de arte. Seguramente o ataque mais soado fosse o que sofreu o quadro de Van Gogh *Os girassóis* na *National Gallery* de Londres. Esta açom levada a cabo por duas ativistas do coletivo *Just Stop Oil* consistiu em lançar sopa de tomate àquele quadro, sem lhe causar nenhum dano. Mais recentemente outra açom de similares caraterísticas tivo lugar no *Museo del Prado* onde duas ativistas do coletivo *Futuro Vegetal* se colárom às duas *Majas* de Goya. Também nom houvo danos materiais.

Estamos sendo mui cientes destas açons nom tanto polo efetivo das mesmas, mas pola grande cobertura mediática que lhes estám a dar os meios de comunicaçom sistémicos. Por umha banda sim é certo que estas açons conseguem chamar a atençom da sociedade, mas finalmente os meios sistémicos ponhem o foco no "vandalismo" (zero surpresas) e nom na emergência climática que temos encima como pretendiam as ativistas.



Este tipo de ativismo eurocêntrico, baseado na desobediência civil e na açom direta nom violenta, focado unicamente na problemática do clima surge por dous motivos. Por umha banda, pola própria urgência do momento atual, no qual, segundo indicam desde o IPCC (*International Panel on Climate Change*) é mui provável que estejamos nos derradeiros 5 anos em que ainda podamos atuar para nom chegar ao aumento de temperatura global de 1,5 ºC. Por outra banda, pola incapacidade ou falta de vontade que estám a mostrar os grandes grupos ecologistas (Greenpeace, Amigos da terra...) de oferecer resistência aos principais causantes da mudança climática.

Porém, se ampliarmos a perspetiva e olharmos para os acontecimentos fora dumha mentalidade colonial, teremos de reconhecer que as pessoas que nom só estám pondo o corpo nesta luta, mas que muitas vezes estám perdendo a vida, som os povos indígenas e as ativistas do sul global. Mas isto nom interessa nos meios de comunicaçom do sistema (zero surpresas também). Nesta altura, melhor que opinar sobre o que nos parece ou nom umha determinada açom, cumpre repassar alguns dos mais graves problemas a que nos enfrentamos e qual é o porquê que está levando a pessoas tanto do norte como do sul global a se mobilizar: O aumento da temperatura global em 1,5 ºC traduz-se em incêndios florestais que já estamos a viver nos cada vez mais longos veraos.

Estamo-nos expondo também neste planeta que habitamos, que é o planeta da água, a umha maior evaporaçom da mesma. O volume que volta à terra em forma de precipitaçons será dentre 5% e 10% mais do que seria 'normal' e do que esta terra cada vez mais seca e desflorestada pode 'assumir', provocando assim terríveis inundaçons.

Som os povos indígenas e as ativistas do sul do global quem estám perdendo a vida na luita frente a emergência climática

Todo isto provocará movimentos migratórios de zonas mais vulneráveis para zonas menos vulneráveis. Esta mudança climática tam rápida e agressiva provoca que as sementes nom tenham tempo de se adaptar às novas condiçons, com o que também estaria em risco a nossa forma de alimentaçom.

Com o aquecimento global perdemos biodiversidade, estám-se extinguindo já espécies animais e vegetais, inclusive a vida humana mesma fica em perigo. Perante esta situaçom, melhor do que nos escandalizar porque umhas raparigas deitam sopa sobre obras de arte, devemos escandalizar-nos porque os estados, os partidos políticos, toda a indústria de consumíveis fósseis, a gadaria tanto industrial como ecológico-familiar, e um longo *et cetera* de cúmplices estejam precipitando a extinçom da vida neste planeta tal como a conhecíamos até agora.

Anabel Varela é cozinheira e militante nas lutas pola libertaçom animal e ecológica.

fai a tua **subscriçom**,
por apenas **35€/ano**,
em **www.novas.gal/loja**

LoGaliza, o jogo para conhecer o país comarca a comarca

REBECA MARTÍNEZ E UGIO CAAMANHO

"Tu dizes: Galiza é bem pequena. Eu digo-che: Galiza é um mundo. Cada terra é como se fosse o mundo inteiro". Vicente Risco.

Em começos deste ano aparecia um joguinho chamado *WorLdle*, que consiste em reconhecer países pola sua silhueta, com a ajuda de pistas sobre a distância e direçom a respeito de cada tentativa que se fai. Um jogo mui singelinho, que só permite umha partida diária e que nos cativou. Quando levávamos umhas semanas jogando e víamos como íamos aprendendo a reconhecer as silhuetas e a situar os territórios e estados do mundo –mesmo dos que nunca tivéramos ouvido falar antes!– reparamos que era umha ferramenta de aprendizagem mui eficaz. Por umha parte, é divertido, e isso ajuda a reter a informaçom; pola outra, fomenta a curiosidade sobre cada país, e dia após dia mergulhamos na história e na geografia de umha pequena parte do mundo.

Mui cedo reparamos num facto estranho: somos capazes de reconhecer silhuetas e ubicar, mais ou menos precisamente, países distantes que nunca visitaremos, possivelmente por causa dos fluxos informativos globais: Ucrânia, Nepal, Chad, as ilhas Caimám... e porém nom tínhamos nem ideia de onde ubicar as comarcas galegas, nem as vilas dentro delas. Para a maioria de nós, as comarcas galegas, fóra as sete grandes cidades, estám numha nebulosa.

> *Nomear e saber situar as distintas partes que nos componhem, valorá-las, empregá-las, senti-las... é umha das chaves para ter umha autoestima saudável*

Para isso contribui, naturalmente, a falta de reconhecimento institucional das comarcas, mas há muito de desleixo pola nossa parte também. Conhecer o país é umha cousa que nom vem dada só por habitar nele, mas que requer certa dedicaçom. As nacionalistas tendemos a fazê-lo por gosto, como umha forma de amor pola terra e o povo, mas... quiçá sem mui bons resultados.

O conhecimento do nosso território tem um paralelismo com o do corpo próprio. Nomear e saber situar as distintas partes que nos componhem, valorá-las, empregá-las, senti-las... é umha das chaves para ter umha autoestima saudável. Aguardamos de coraçom que o *LoGaliza* logre contribuir com um graozinho de areia neste sentido, orgulhando-nos de quem somos e de donde vimos, primordial para respeitar a nossa terra, que nom deixa de ser um empréstimo das geraçons futuras.

Por isso nos decidimos a versionar o jogo e oferecê-lo às Escolas Semente e ao Projeto Estreleira. Assim é como nasceu o *LoGaliza*, o jogo de geografia galega *online* que nos primeiros dez dias leva já mais de dous milhares de utentes. Se ainda nom o conheces explicaremos brevemente como é a sua dinâmica. Podes jogar com qualquer dispositivo, embora o mais comum é jogar no telemóvel. Cada dia, clicando na ligaçom que te leva para o *LoGaliza*, encontrarás a silhueta de um mapa. Este mapa é o de umha das 51 comarcas que há no país e tés quatro oportunidades para adivinhar. Com cada proposta que fizeres, o *LoGaliza* indicará a quantos km ficas e em que direçom tés que avançar para alcançar o objetivo. Nada mais tedioso que explicar um jogo... realmente é bastante intuitivo, só clica e joga!

https://logaliza.estreleira.gal/

Ah! E, decerto, isto é só o princípio. Logo enriqueceremos o jogo com outras pistas diferentes dos mapas, para aprendermos e gozarmos também da história, da paisagem, da cultura e até da fala das nossas comarcas. Ficai à escuita, que logo haverá notícias!

Rebeca Martínez e Ugio Caamanho **som responsáveis do LoGaliza.**

projeto estreleira

Causa galega marchou pelas ruas do Porto convocada por Estreleira

diego garcia

Decorreu no dia 3 de dezembro a iniciativa 'Galiza e Portugal, nações irmãs!' na cidade do Porto, promovida pelo coletivo galego Estreleira, tendo como principal objetivo levar a causa galega ao país vizinho, Portugal. O subtítulo da ação foi 'Traz um amigo também', numa clara referência ao cantor José Afonso e marcou o primeiro ato organizado pelo coletivo em Portugal.

Um dos objetivos da ação foi reforçar as relações e os intercâmbios que existem entre ambos os lados do rio Minho, mas ainda é necessário que o povo português conheça a causa galega e o que está em jogo. A iniciativa contou com mais de uma centena de participantes, estando a representaçom galega em maioria, o que era expectável e revela que é necessário fazer um forte e constante trabalho para dar a conhecer a situação galega em Portugal. Mesmo assim, foi clara a animação mostrada pela cidadania portuguesa à medida que a marcha galega se ia deslocando pela cidade.

O ponto de encontro realizou-se nos jardins do Palácio de Cristal e seguiu-se um passeio urbano por vários locais emblemáticos da cidade do Porto, a capital do Norte de Portugal, com a marcha a formar uma maré azul com as camisolas alusivas à República Galega.

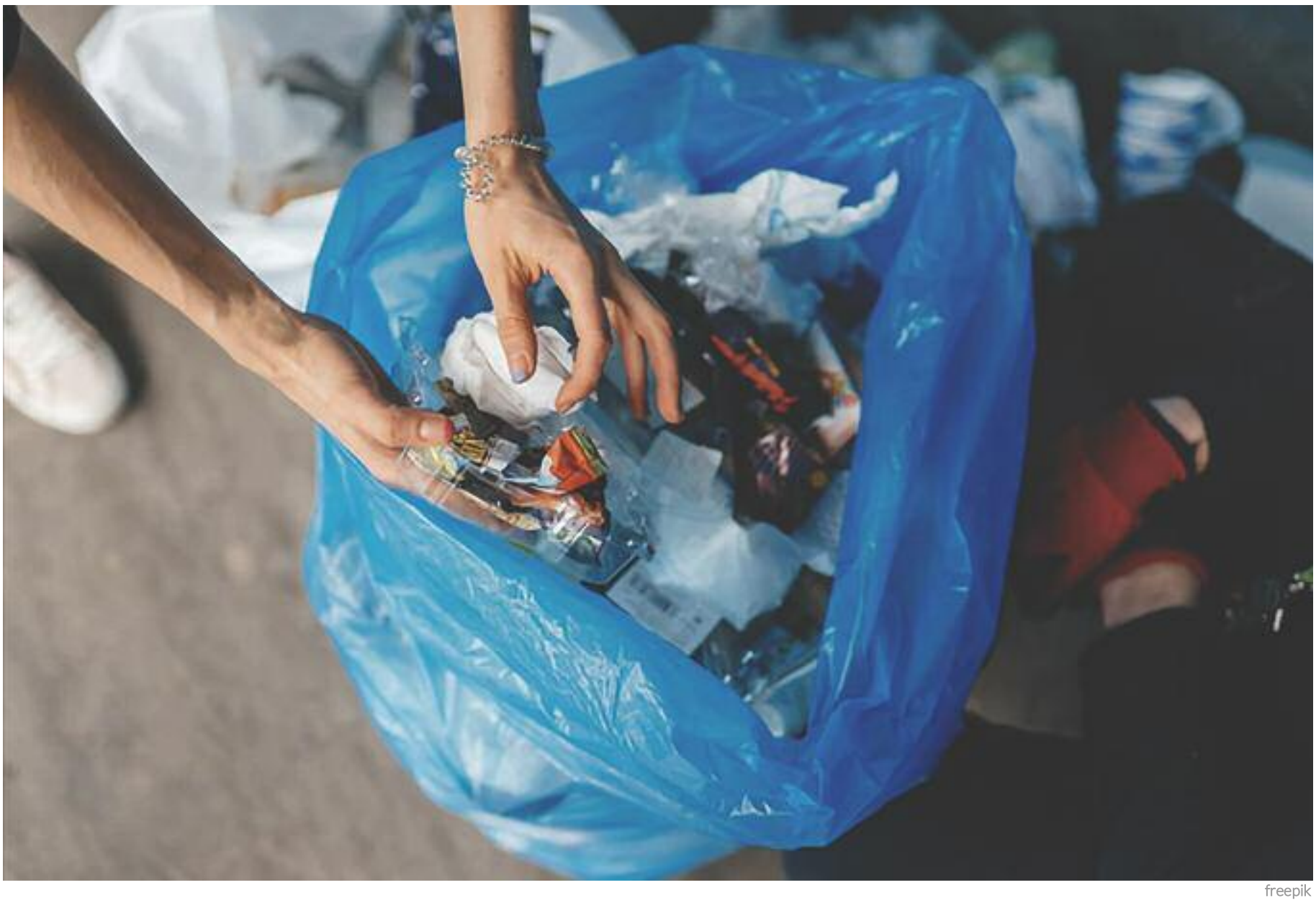
No jardim da Cordoaria ouviu-se o hino galego e a Grândola Vila Morena, tal como foram realizadas intervenções do lado galego e do lado português. Neste espaço também houve a oportunidade da comitiva portuguesa oferecer ao coletivo Estreleira um livro que recolhe todas as músicas e partituras do José Afonso.

> Um dos objetivos da ação foi reforçar as relações e os intercâmbios que existem entre ambos os lados do rio Minho

A seguir, foram exibidos dois bandeirões, um da Galiza e outro de Portugal, na ponte Luiz I para assinalar a irmanação dos dois países, e terminou-se com um almoço de confraternização a cargo de Dona Filó, num centro social na Praça da Alegria, que preparou uma bela de uma cachupa.

A organização realizou um grande trabalho prévio de divulgação, sobretudo nas redes sociais, onde evocou as relações históricas entre Galiza e Portugal com várias publicações, imagens e fotos.

O coletivo Estreleira reconhece que o dia 3 de dezembro foi um dia memorável, um dia de luta e que cumpriu o objetivo de colocar a questão galega em Portugal, nomeadamente na cidade do Porto. Para o coletivo, está na hora de popularizar a causa galega no país vizinho e otimizar a forte corrente de simpatia e respeito que o povo português sente relativamente à Galiza.



freepik

Galiza situa-se no fim da Europa quanto ao tratamento de resíduos

O país recicla apenas 13% quando a Uniom Europeia marcara como objetivo 50% para o ano 2020.

maria álvares rei
mariaalvaresrei@novas.gal

Se os dados do Estado espanhol em matéria de reciclagem (a meia estatal é de 35%) alertam Europa, os da Galiza atingem cifras muito mais preocupantes: o nosso país nom chega nem à metade da meia espanhola. Entidades ecologistas e diferentes organizaçons sociais situam o problema num sistema baseado na incineraçom liderada por SOGAMA, na falta de campanhas de consciencializaçom cidadá para sensibilizar, na importância da separaçom de resíduos e num modelo de consumo que nom promove a reutilizaçom nem a economia circular.

A Uniom Europeia marcava em 2018 por meio da diretiva marco de recursos uns objetivos de reciclagem para os municípios dos Estados membros de 50%. Na altura, SOGAMA, a principal planta de tratamento de resíduos do país, participada pola Junta em 51% e em 49% por Naturgy (antiga Fenosa) só conseguia chegar a reciclar 4%.

Diferentes entidades ecologistas coma Adega ou Amigos da Terra levam anos denunciando o fracasso do modelo da incineradora ademais dos custos meio-ambientais que supom perpetuar este sistema no país.

Mas os benefícios de Sogama seguem a aumentar: em 2021 a empresa obtinha 12,7 milhons de euros, 33% mais a respeito do ano anterior. Metade do seu negócio provém da venda de energia obtida da queima dos resíduos. Grupos parlamentários como o BNG venhem denunciando em Europa a armadilha desta transformaçom da queima de resíduos em energia: "SOGAMA nom chega à eficiência energética mínima de 0,6% que marca a UE para que a sua incineraçom poda ser considerada valorizaçom energética. A esta situaçom soma-se que SOGAMA queima o lixo e enterra os resíduos. Mas com a suposta revalorizaçom energética, a Junta quer camuflar-se, amar o verde e o circular por cima de todas as cousas. Procura parecer o que nom som. Porque o ecológico está na moda", afirma José Luis Bará, portavoz de meio ambiente no BNG.

Este modelo ao que estám aderidos 295 concelhos situa Galiza nas piores posiçons do Estado em separaçom

RESÍDUOS / FRACASSO NA GESTOM

O modelo de Sogama baseado a incineraçom só consegue reciclar 4%

e gestom de resíduos e reciclagem, só superada por Melilha e Astúrias, segundo dados de 2020 recolhidos polo Ministério para a Transiçom Ecológica e o Reto Demográfico (Miteco).

O estudo indica ademais, que em toda a comunidade autónoma, tendo em conta também o tratamento de resíduos levado a cabo nas plantas de Lousame, que engloba a mancomunidade dos municípios do Barbança e a planta de Nostiám (com o município da Corunha e os do consorcio das Marinhas) com modelo de separaçom húmido-seco, só se chega a índices de 15%. Desde Adega advertem que de seguir assim "é impossível cumprir os objetivos marcados para o 2025 que aumentam a percentagem em 55% ou os de 2030, marcados em 60%".

Para promover um tratamento de resíduos mais responsável aos Estados membros, a nova normativa europeia contempla fixar impostos aos verquidos e a incineraçom. A norma recolhe ademais a obrigatoriedade de gerir nos munícipios a matéria orgânica de maneira separada no coletor marrom, para reduzir a fraçom resto que supom 80% dos resíduos que geramos e na qual se juntam diferentes tipos de desfeitos sem distinçom, na sua maior parte restos alimentícios.

Desde Europa levam anos sugerindo aos Estados medidas para favorecer a reciclagem, mas na Galiza nom fôrom aplicadas nengumha delas, o

O sistema porta a porta revela-se como a melhor opçom

Este sistema de recolhida seletiva aplicado por quase 300 câmaras municipais na Catalunha, País Valenciano, Ilhas Baleares, País Basco e Navarra permite aos concelhos aumentar em só três meses 50% a reciclagem.

Para sair do estancamento provocado pola recolhida em coletores abertos onde se misturam resíduos de todo tipo, estes concelhos apostaram na recolhida seletiva no mais próximo possível ao ponto de geraçom e a aposta ganhou as resistências iniciais. As cifras falam: câmaras municipais que reciclavam 20-30% de resíduos em só um trimestre de aplicaçom do sistema atingem o 80% e compost de altíssima qualidade.

O modelo baseia-se na obrigatoriedade e no controlo dos resíduos de cada vivenda, cada dia as casas deixam na porta a fraçom marcada semanalmente: vidro, matéria orgânica, papel e papelom ou plásticos que som levados a plantas próximas de reciclagem.

Especialistas indicam que seria imprescindível forçar umha aceleraçom nas cidades mais povoadas do estado coma Madri, Barcelona, Bilbau, Vigo já que estas som o grande foco de produçom de resíduos.

LIVRO ALHEIO
Antologia de Traduções de Haroldo dos Santos

IGOR LUGRIS
XANDRA R. GREY

ATRAVÉS editora

RESÍDUOS / FRACASSO NA GESTOM

A normativa europeia prevé fixar impostos aos vertidos e incineraçom

A fraçom resto supom 80% dos resíduos que geramos, por isso impom-se a necessidade da aplicaçom do coletor marrom

que tem como consequência o estancamento da reciclagem. O desenho do país nesta matéria é: a inexistência dum sistema de recolhida seletiva obrigatória de biorresíduos, a falta de um regime fiscal harmonizado sobre a eliminaçom de resíduos, bem por verquido ou por incineraçom e a nom imposiçom de taxas municipais de resíduos obrigatórias.

As únicas comunidades que superam os índices estatais som Catalunha e o País Basco, ambos países contam com agências próprias de gestom de resíduos encarregadas de fazer cumprir os objetivos europeus. A funçom destes organismos é vigiar que se cumpram desde os municípios a normativa europeia, marcar pautas aos municípios por geraçom de resíduos (facilitando que saia mais caro incinerar do que separar), é dizer valorizar os resíduos e favorecer a recolhida seletiva. Ademais estas agências realizam informes que permitem implementar medidas para otimizar objetivos.

Os informes do Ministério para Transiçom Ecológica e denúncias de entidades ecologistas revelam que na Galiza a gestom de resíduos segue a ser matéria pendente no referido ao meio-ambiental e tendo em conta as normas europeias e os incumprimentos reiterados destas no país, num futuro próximo de nom mudar a tendência, a Junta terá que assumir fortes sançons.

PLANO REVITALIZA /

"Separar resíduos tem de ser norma"

Em 2015 com a chegada do BNG à Deputaçom de Ponte Vedra pom-se em marcha o plam Revitaliza. Este plano aposta na compostagem como modelo de gestom global tratando os resíduos orgânicos onde se produzem através de centros de autocompostagem comunitária, autocompostagem individual e plantas comarcais.

Um sistema mui acertado para o rural galego, tendo em conta que a dispersom de populaçom nom favorece a recolhida de lixo seletiva. Este modelo permite aforrar em tratamento e recolhida já que os custos de camions e maquinária eliminam-se e reduzem-se as emissons de CO_2 porque a matéria orgânica é tratada na origem. Ao plano podem aderir-se de maneira voluntária concelhos de até 20.000 habitantes e aplicá-lo em diferentes fases. Umha fase é de caráter demostrativo, na qual a deputaçom instala algum composteiro comunitário a modo de prova. A segunda fase consiste na instalaçom das bases dos composteiros com um estudo prévio de populaçom e os lugares mais ajeitados para colocá-los.

Na altura há 47 concelhos aderidos ao plano Revitaliza em diferentes fases, mas a "a principal trava é que se trata dum sistema totalmente voluntário" comenta Iria Rei, técnica de compostagem do concelho de Bueu: "ao contrario que os sistemas que se aplicam na Catalunha ou País Basco (coma o porta o porta) que requerem a obrigatoriedade e um controlo estrito sobre a separaçom dos resíduos, o que implica responsabilizar também a cidadania na hora de separar".

Os biorresíduos suponhem nas nossas sacas de lixo 53% e por cada 100 quilos de matéria orgânica limpa (restos de comida e podas) obtehem-se 100 quilos de compost crivado. O que permite atingir só com este sistema os objetivos marcados pola normativa europeia.

Iria Rei é clara : "este sistema é dos melhores para o nosso rural e o semirural, nos núcleos urbanos a aposta em tratar os bioresíduos seria outra: o coletor marrom e um camiom de recolhida com características especiais para o seu traslado e nas áreas verdes das cidades, composteiros comunitários".

Rei aposta por trocar voluntariado por obrigatoriedade nos próximos anos: ¨é a única maneira de avançar e conseguir taxas de separaçom equiparáveis a Catalunha e o País Basco. Nos concelhos onde se aplica o sistema porta a porta chegam a percentagens de separaçom de 80%. Isto implica valentia política, entender que as pessoas vam protestar ao começo porque fora das consciencializadas meio-ambientalmente, as outras resistimo-nos às mudanças". Fai o paralelismo com normas polémicas de início como as de limites de velocidade no trânsito ou a de fumar em lugares públicos com altos graus de resistência inicial mas totalmente aceites na atualidade por umha ampla maioria social. E lembra: "já nom estamos no tempo de que reciclar seja umha opçom, tem que converter-se em norma".

RESÍDUOS / PENSARMOS UM NOVO MODELO

laura r. cuba
laurarcuba@novas.gal

O inverno é o tempo de compras massivas. Natal, 'Black Friday' ou rebaixas enchem o trafegar diário de publicidade que convida a encher os carros. Nom é possível, pois, falarmos de gestom de resíduos sem aludir ao nosso modelo de produçom e consumo. Beltrán Puentes é professor substituto de Direito Administrativo na USC e especialista em Direito Ambiental e economia circular. Debulha para o Novas da Galiza as linhas de açom paralelas a toda estratégia do controlo de lixo.

Beltrán Puentes
especialista em Direito Ambiental

borxa toxa

"Devemos conceber a reparaçom como um coto ao consumo massivo"

Qual é a fotografia atual da gestom de resíduos na Galiza?

O nosso atual modelo carateriza-se por umha grande divergência entre a normativa e o que acontece. A lei hierarquiza os princípios de prevençom, reutilizaçom e reciclagem, nessa ordem. Porém, SOGAMA é contrária à estratégia de economia circular e à luta contra a mudança climática: opta diretamente pela queima ou depósito em vertedouro de toneladas de resíduos, sem extrair apenas um aproveitamento.

Outros modelos como o de Nostián ou o do Barbança revelam melhores dados...

Estes têm duas vantagens. Por umha parte separam a fraçom orgánica para produzir *compost*, algo que SOGAMA terá que fazer a partir de 2023 por imposiçom europeia, e por outra som mais respeitosos com os princípios de proximidade e auto-suficiência pola sua escala local. Nom obstante, adoecem de muitos problemas: nom atingiram as taxas de reciclagem e recuperaçom planificadas, eliminam boa parte dos resíduos através de depósito... Acontece sobretudo em Nostián, cujas instalaçons som insuficientes: o vertedouro desta planta está completo desde há 15 anos e nom está selado (pode haver filtraçons contaminantes) e a concessom está caducada desde 2019.

Em definitiva, o sistema de gestom de resíduos está caducado e colapsado. Nom avonda com iniciativas locais porque o nosso nível de produçom de resíduos faz inviável a reciclagem ou valorizaçom. É necessário mudar o modelo desde a própria raiz, as fases de produçom e consumo.

Como liga isto com a estratégia de economia circular?

A estratégia promovida pola UE conta com dous planos. No primeiro reformula-se a reutilizaçom de componentes. Isto interessa-lhe ao setor privado polo aforro na produçom. Porém, é umha visom reduzida entanto desatende as primeiras fases da cadeia produtiva e as relaçons de consumo. O segundo plano, pola contra, contempla obrigas a empresas para priorizar a reparaçom sobre a substituiçom dos produtos (proibiçom de plásticos dum só uso, maiores garantias, fiscalidade atrativa para certos produtos...).

Em definitiva, cumpre procurar produzir produtos mais duradoiros, reparáveis e sustentáveis, fomentando também umha relaçom de consumo mais baseada na durabilidade dos produtos e menos no consumismo desaforado. Isto requer um impulso público, com medidas de caráter obrigatório e incentivador.

Como afeta esta mudança às classes populares?

Implica fomentar que optemos por produtos mais duradoiros, reparar em lugar de comprar. Isto pode supor que certos produtos se encareçam? Quiçá, mas nom tem por que supor maior gasto. Devemos conceber que a reparaçom pode ser um aforro, umha opçom beneficiária que pom coto a um modelo de compra e venda massiva e inecessária que só extrai benefícios para as grandes empresas. Jogam aqui um papel importante a sensibilizaçom, a educaçom, os modelos a escala local...

Cumpre ir contra a ideologia do mercado.

Nas lógicas atuais nom se contempla que a reciclagem é muito mais custosa (energética e economicamente) que a reutilizaçom. Podemos optimizar os processos de reciclagem, mas nom abondaria. Devemos promover modelos que nom suponham geraçom de resíduos e que façam inecesária a reciclagem. O melhor resíduo é o que nom se produz.

Que significa isto a nível local?

Nom podemos mudar um modelo da noite para a manhã: devemos atuar local e setorialmente. Na tenda do bairro, no comércio local... Devemos ir contra o modelo da grande superfície, construídas muitas vezes por cima da quota de mercado, com um solapamento de infraestruturas, em contra do comércio de proximidade e do interesse ambiental.

Que podemos aprender desta matéria noutros lugares para a Galiza do futuro?

Eu apoio umha visom mais ambiciosa que a promovida pola UE a respeito da economia circular. É preciso um menor consumo, um maior aproveitamento dos recursos e um alongamento do seu ciclo de vida útil. Para chegar aí é preciso o impulso do sector público a todos os níveis. Galiza tem capacidade para acometer esta transformaçom, é um espaço favorável para a implantaçom dum novo tipo de modelos que já deveu começar há trinta anos. Vamos mal de tempo.

Abel Caballero numha rolda de imprensa em Setembro. pedro seoane prado

Caballero, triunfal na sua Cidade-Estado

MANUEL M. BARREIRO

Vigo é umha Cidade-Estado. Com essa ideia, governa Abel Caballero. É sede de outros poderes –Consórcio da Zona Franca, Autoridade Portuária, Delegaçom da Junta..., mas o Concelho é, historicamente, a instituiçom política de referência da populaçom viguesa. A cidade tem um mesto e vivo tecido associativo e umha combativa tradiçom sindical, poderosas multinacionais e conglomerados empresariais, meios de comunicaçom de grande impacto e *lobbies* de férrea influência. A sua complicada cartografia de poderes e contrapoderes derivou, tradicionalmente, em equilíbrios institucionais instáveis, numha elevada conflitividade sociolaboral e numha persistente *guerra de baixa intensidade* entre a classe governante e as *forças vivas* da cidade constituídas como *sottogoverno*. Umha cidade de aluviom, de identidade confusa e com bairros de enraizado orgulho, com umha sociedade civil nada dócil e pouco dada a consensos obrigados. Vigo foi, de sempre, um espaço fértil para a política contenciosa. Muito menos desde 2007.

Nom faltou entre as suas elites quem se laiasse de que Vigo nom tivesse um *Paco Vázquez* que lhe achegasse um sólido localismo e autoridade, e que deixasse os homens de negócios e os capitans da indústria fazer da cidade um *monopoly* com muitos benefícios e poucas regras. Com a chegada à alcaldia de Caballero esse desejo começaria a materializar-se. Em *Vanity Fair* preguntárom-lhe a que alcalde imitava mais, Tierno Galván ou Francisco Vázquez?: "Aos dous, e a Pasqual Maragall".

> *Nom faltou entre as elites viguesas quem se laiasse de que a cidade nom tivesse um Paco Vázquez que lhe achegasse um sólido localismo e autoridade*

Em 2013, Abel Caballero declarava com fachenda: "Apareceu em Vigo algo mui importante, a auto-identificaçom. Estamos orgulhosíssimos da cidade e isso gera umha enorme capacidade de mobilizaçom". "Nesta cidade estamos a fazer umha revoluçom". Umha *revoluçom passiva*, desde acima, que acabaria mudando as tradicionais regras da política viguesa e que lhe permitirá somar umha maioria eleitoral esmagadora em 2019: 101.058 votos, 20 concelheiros e concelheiras. Doce anos antes, estreara-se com 44.398 votos e 9 representantes na Câmara municipal.

Iniciou-se no PCE, do qual rejeita fazer memória: "Era o único organi-

zado contra o franquismo, mas nom era o meu e passei ao PSOE" (em 1980). No Congresso da II à VI legislatura (1982-1997) e ministro de Transportes, Turismo e Comunicaçons (1985-1988), exerceu como um dedicado tecnocrata do felipismo e refinou-se como político. Candidato para a presidência da Junta, para impedir a terceira maioria absoluta de Fraga, fracassou estrepitosamente. Assinou um dos piores resultados do PSdeG, até 2001, momento no qual ficou convalescente no paço do Hórreo.

Em 2005, José Blanco, na busca de ativos entre a velha guarda felipista para reforçar o novo PSOE de Zapatero, recuperou-no como presidente da Autoridade Portuária de Vigo. Aproveita o cargo: dá-se a conhecer, relaciona-se com outros poderosos locais, projecta-se politicamente e ganha peso na agrupaçom viguesa do PSdeG. Um ano mais tarde é eleito candidato à alcaldia.

Em 2007, Corina Porro, alcaldesa do PP, quedou a 2.500 votos da maioria absoluta. BNG e PSdeG acordam umha coligaçom de governo. En 2011, Caballero recunca na alcaldia com um novo pacto com o BNG, que já nom será parte do governo municipal. Em 2015, a sua primeira maioria absoluta. A partir deste ano, a percentagem de voto do PSdeG em Vigo supera sempre a média das eleçons gerais, autonómicas e europeias. Em 2019, Pedro Sánchez atinge 28% dos votos. Nas municipais, na sua apoteose eleitoral, Caballero soma 40 pontos mais: 68%.

Popularidade de máximos. Altíssima valorizaçom. Em Vigo todo o mundo sabe quem é Abel Caballero, mas as portavozias de PP, BNG e Marea nom superam, nas últimas sondagens, um conhecimento de 45%. A valorizaçom de Caballero é de 7,28 (os líderes da oposiçom em nengum caso chegam a 5). Sobarda o 7 em todos os tramos de idade. Entre as pessoas votantes do PSdeG alcança um 8,49 e supera o 6 entre os do PP (6,28), Marea de Vigo (6,13) e BNG (6,12). A valorizaçom de Caballero baixou levemente, entre 2019 e 2011, de 7,8 a 7,28. A queda na valorizaçom da açom de governo é de 7,15% a 6,41%. A conflitividade social e política local é pouco intensa, pontual e a queixa converte-se poucas vezes em protesto. Há desgaste, mas é escasso.

Abel Caballero, como ministro de Fomento, durante o governo de Felipe González.

Em 2005 José Blanco recuperou Abel Caballero para a presidência da Autoridade Portuária de Vigo. Caballero aproveita o cargo e um ano mais tarde é eleito como candidato à alcaldia

Caballero confronta com PSdeG e PSOE para afundar na sua imagem de líder para além do partido

O seu é um populismo de ordem, pragmático e mui competitivo numha democracia de audiências

Boa parte da fortaleza política de Caballero deve-se à *improvisaçom* a partir de estratégias bem assentadas. Gestom de proximidade, achegamento informal à cidadania, acessibilidade pessoal, orvalho de presenças e intervençons micro. Construçom dum hiperliderado personalista, egocêntrico e absolutista à busca de concentrar todo poder real e simbólico ("Em Vigo, o presidente da Junta som eu"). Tensom antagonista e fixaçom dum inimigo principal (Feijóo e o PPdeG). Sem contrapeso político no seu governo e no PSdeG vigués. Mantem as distâncias e mesmo confronta, quantas vezes seja preciso, com PSdeG e PSOE para afundar na sua imagem de líder *para além do partido*. Combina um *viguismo* defensivo –de queixa e protesto– com umha identidade positiva e orgulho de cidade ("A melhor cidade do mundo"). Sem marcas ideológicas fortes: "¿Esquerda, centro ou direita? Em Vigo tenho-o todo".

Segundo Mudde e Robira, o populismo pode pensar-se como "política para a gente ordinária por líderes extraordinários que constroem perfis ordinarios". Ainda que nom lhe assentam as etiquetas, Caballero pode encaixar aí. O seu é um populismo de ordem, pragmático e mui competitivo numha democracia de audiências. Sempre à procura do maior impacto e repercussom pública, da viralidade, e trasladando o seu relato político às formas populares dos programas de entretenimento. Grandes ambiçons, grandes espetáculos com um aquele de exageraçom neroniana. Em *El fenómeno Abel Caballero* (2021), Alex Fernández Garrido insiste em que o seu êxito se deve ao mantimento dumha "campanha permanente", que Hugh Heclo definiu como "a combinaçom da elaboraçom dumha imagem e cálculo estratégico, que converte a gestom de governar num instrumento desenhado para manter a popularidade dum governante". Assim, o príncipe pode dormir tranquilo na sua Cidade-Estado.

Manuel M. Barreiro é coordenador de ediçom digital e membro de *praza.gal*.

uxía castro

Com um 66,8% dos votos a favor, o passado 25 de setembro o povo cubano aprovou em plebiscito o seu novo Código das Famílias. Mais de seis milhons de pessoas fôrom às urnas, o que supom umha participaçom do 74%. Yamila González, jurista e professora titular da Universidade da Havana, fijo parte da Comissom redatora do Código das Famílias. É vice-presidenta da Uniom Nacional de Juristas de Cuba e membro do Comité Nacional da Federaçom de Mulheres Cubanas.

Yamila González
jurista cubana

charo lopes

"O centro das relaçons familiares tem que ser o afeto e o amor, nom a consanguinidade"

"A própria consulta popular converteu-se num espaço educativo mediante os debates e a sensibilizaçom que implicárom para a populaçom"

Como resumiria o Código das Famílias?

O Código das Famílias (CF) –este plural é intencional– responde à realidade atual das famílias cubanas; a umha diversidade e umha pluralidade que nom se viam refletidas no código vigente de 1975. Era necessário reconhecer os direitos e garantias de novas realidades, fora da heteronorma e o modelo tradicional. No momento de elaboraçom da lei houvo um importante estudo de jurisprudência comparada. O CF está vinculado à Constituiçom de 2019 e, particularmente, ao seu artigo 81, já que desenvolve os conteúdos em matéria de igualdade, nom discriminaçom e dignidade humana. Ambos os textos se vírom fortalecidos polas fórmulas participativas de consulta popular e referendo e ambos, também, manifestam que o centro das relaçoms familiares tem que ser o afeto e o amor, nom a consanguinidade.

Que achegas provenhem das luitas sociais?

O projeto cubano é um projeto de justiça social. Isto seria impossível sem a olhada que achega a participaçom popular. Em 2019, aprovada a Constituiçom, houvo um processo inicial em que se criou um grupo de trabalho e umha comissom. Já em 2021, publicase a versom 22 do Código e convocase um primeiro processo de consulta especializado, com pessoal investigador dos âmbitos da sociologia, a psicologia, a demografía, a comunicaçom ou a economia, com redes LGBTIQ+ e feministas, estudantado do ensino médio, dirigentes da Federaçom Estudiantil Universitária, pessoas em situaçom de deficiência e pessoas idosas.

Ainda que como estado laico Cuba nom se rege por motivaçons religiosas, houvo também consulta entre grupos de diferentes determinaçoms, já que se entende que o carácter inovador do código provoca umha mudança cultural importante e que nom se pode desconhecer a influência que estes grupos tenhem em parte da populaçom.

Após este processo especializado, modificou-se mais de 60% do projeto. Depois, entre fevereiro e abril de 2022, tivo lugar um processo amplíssimo de consulta popular do texto

já aprovado pola Assembleia Nacional, mais de 70.000 reunions. A própria consulta popular converteu-se num espaço educativo mediante os debates e a sensibilizaçom que implicárom para a populaçom. Dessa segunda consulta modificou-se o 49% do trabalho. Portanto, o que chegou ao referendo era já completamente diferente a aquela versom inicial.

Aliás, os movimentos sociais tivérom parte muito importante no âmbito comunicativo. Em redes, médios, escolas e diferentes comunidades ao longo de todo o território cubano. Havia que compreender o conteúdo do CF para tomar umha decisom. Porém, o trabalho nom termina aqui. A aprovaçom do CF nom é a fim do caminho senom o ponto de partida. Dizemos que as mentes nom mudam do 25 para o 26 (o 26 de setembro tivo lugar o plebiscito). Agora resta um processo de capacitaçom e sensibilizaçom importante para a aplicaçom efetiva desta lei.

Yamila González, juntamente com seu companheiro Enmanuel George López, da Rede Ibero-Americana e Africana de Masculinidade (RIAM), com quem viajou à Europa em novembro passado para apresentar o Código da Família. A visita á Galiza estivo a cargo da Associaçom de Amizade Galego-Cubana. charo lopes

Por que é importante a mudança do conceito 'poder paternal' polo de 'responsabilidade parental'?

nom era essa, que a responsabilidade parental nom estava a cair só em pais e nais. É umha mudança de paradigma localizada no interesse superior das crianças e a sua autonomia progressiva. Entram papeis como a nai e pais afins (tradicionalmente, madrastas e padrastos). Ainda que nom haja sangue, se há umha relaçom baseada no afeto e construída como umha família, também é umha família que há que reconhecer e proteger.

A norma inclui as avós.

Sim. Avós e avôs fôrom sempre um pilar no cuidado das crianças. No entanto, nom tinham reconhecidos os seus direitos. Se havia umha circunstância que afetava à relaçom das nais e pais com essas avós e avôs e pola que decidiam cortar a comunicaçom nom passava nada. Na prática jurídica cubana estavam a dar-se casos assim. Agora existe o direito de comunicaçom entre parentes e pessoas afetivamente próximas. Também achamos que muitas avós e avôs, do ponto de vista jurídico, tinham umha guarda de facto das suas netas, sem nenhum mecanismo real que garantisse certa legalidade. Agora, com essas figuras novas como a guarda cuidado para parentes e pessoas afetivamente próximas ou a delegaçom da responsabilidade parental há muita mais segurança jurídica desses cuidados.

Por que defendem que a gestaçom solidária é diferente das barrigas de aluguer?

Dizemos solidária porque toda possibilidade de mercantilizaçom e explotaçom do corpo das mulheres elimina-se. Em primeiro lugar polo controle legal da figura. Assim, os requisitos exigem que só se poda dar entre pessoas afetivamente próximas, que só se poda dar umha vez e que a pessoa gestante nunca ponha as suas gâmetas. Se pom as suas gâmetas já estamos a falar de multiparentalidade e relaçom filiaria e nesta parte do CF fomos especialmente cuidadosos com a linguagem. Sempre falamos de pessoas gestantes porque podemos falar de umha pessoa trans.

Um segundo controlo é o médico. Fai-se umha valoraçom integral do físico, o psicológico e o emocional. Em terceiro e último lugar, estaria o controlo judicial, já que só um tribunal pode autorizar o proceder médico. Logo dessa aprovaçom por parte do tribunal há um ano para submeter-se à gestaçom. Do contrário, há que reiniciar todo o processo.

"A aprovaçom do Código das Famílias nom é a fim do caminho senom o ponto de partida"

"Em Cuba o sistema de saúde é público, nom é possível que apareçam centros privados que procurem o lucro com a gestaçom solidária"

"O CF di que o matrimónio é entre duas pessoas. Dessa maneira reconhece-se a diversidade integralmente"

Além disto, também poderám existir responsabilidades penais e estabelece-se a inhabilitaçom do pessoal médico que incorra em algum incumprimento. Contudo, em Cuba o sistema de saúde é público, nom é possível que apareçam centros privados que procurem o lucro com estes procedimentos.

Que supom para o coletivo LGBT esta lei?

Era um grupo populacional com quem havia umha dívida histórica e havia que lhes garantir os seus direitos no âmbito familiar. Há um elemento importante para a pluralidade do CF que é que nom é que tenha um artigo que reconheça o matrimónio igualitário. Simplesmente o CF di que o matrimónio é entre duas pessoas. Igual com a uniom de facto e com os direitos reprodutivos. Dessa maneira reconhece-se a diversidade integralmente.

em movimento

maria álvares rei
mariaalvar rei@novas.gal

No passado 'Black Friday', as balconistas de Inditex na Corunha liderárom umha greve histórica na província onde começara o sonho de Amancio Ortega e onde nascêrom as primeiras lojas do grupo. A greve foi secundada pola maioria das trabalhadoras e ocupou portadas na maioria dos meios. Carmiña Naveiro, presidenta do Comité de Zara e representante da CIG-Servizos, explica as chaves desta greve, orgulhosa de umhas mobilizaçons protagonizadas por mulheres que marcam um precedente no gigante têxtil.

Carmiña Naveiro
presidenta do Comité de Empresa de Zara (CIG-Serviços)

maria álvares

"A greve supom o despertar das trabalhadoras, é a plasmaçom de umha luta muito longa"

Como vam as negociaçons com a empresa?
Continuamos na mesma, a empresa nom tomou postura, polo que convocamos greve para dia 23 deste mês e para o primeiro dia de saldos, 7 de janeiro. Em 27 de dezembro também nos vamos concentrar em frente do polígono de Sabom trabalhadoras de Inditex de Ponferrada e as da província da Corunha. Figemos aliás umha exposiçom fotográfica na Corunha para conscientizar da nossa luta.

Como chegades a esta situaçom?
Todos os comités nos unimos e solicitamos um aumento de salário de 500 euros mensais, porque o nosso salario base é o que rege o convénio do comércio, mas há umha parte da empresa e incluso categorias que estám por baixo da nossa escala salarial, que cobram o duplo ou incluso o triplo, tais como logística, fábrica ou central.

"Inditex aproveita quanto significa ser mulher nesta sociedade. E significa precariedade."

Sentimos que há umha parte da empresa que está valorizada e que se tem em conta para repartir benefícios enquanto as balconistas das lojas estamos sendo punidas pola empresa. Para teres umha ideia: à partida, a

oferta foi incrementar os salários em 183 euros ao longo de três anos (100 em 2022, 40 em 2023 e 40 em 2024); depois da greve de dia 6, a única mudança foi na progressom do aumento, mantendo a cifra total (passando a ser, respetivamente, de 120, 20 e 40 euros).

A bola fica entom no campo da empresa.

Sim. Depois das convocatórias de greve de dias 24 e 25 de novembro, coincidindo com umha data tam assinalada para Inditex como o *Black Friday*, nada recebemos da sua parte, nengumha resposta às nossas demandas. Ora, dia 28 de novembro as trabalhadoras da Central desfrutárom de umha porçom de polvo e de um espetáculo, tudo por cortesia da casa, do mesmo modo que as lojas de Zara Beauty vam ter proximamente maquilhadoras profissionais ao serviço das clientas totalmente de graça.

E achas isto ter algumha relaçom com a greve?

Com certeza. Desde que Marta Ortega tomou posse da direçom e colocou pessoal da sua corda em distintos postos, a atitude de recursos humanos é totalmente diferente. Antes nom teríamos chegado à greve. A nova direçom é mais autoritária, mais rija especialmente para connosco, o qual surpreende levando em conta a própria Marta Ortega ser umha mulher, de umha idade semelhante à média das trabalhadoras das lojas e que trabalhou ela própria como balconista, chegando a declarar quam dura era aquela ocupaçom.

Porque falamos, aliás, de um sector fortemente feminizado.

E muito precarizado, com grande diferença a respeito de outros sectores dentro da empresa como central, logística ou fábrica; por isso para nós é um agravo comparativo, além de como trabalhadoras, como mulheres: pensa que nas lojas 99,9% das trabalhadoras somos mulheres. Logística e fábrica tenhem ajudas para a escola das crianças ou os livros, bónus de comida, jornadas semanais menores que as nossas, horários só de manhã ou só de tarde... e nós nom temos nada disso, quando nós somos a parte mais importante porque somos quem metemos o dinheiro na caixa.

Concentraçom de trabalhadoras de Inditex no centro comercial As Cancelas, em Santiago de Compostela, no passado 'Black Friday'. maria álvares

Costureiras, menores das fábricas em países do sudeste asiático, balconistas das lojas... parece que Inditex aponta sempre no mesmo sentido.

Inditex, simplesmente, aproveita quanto significa ser mulher nesta sociedade. E significa precariedade. Contudo, é verdade que a própria empresa se ocupa em feminizar trabalhos precários. Em logística, em fábrica, em central nom há estes problemas e nós nom os teríamos se fôssemos homens.

Além disto, Inditex é uma empresa que vive dedicada por inteiro à galeria, à imagem pública: vanagloria-se de permitir a conciliaçom, de ter assinado um plano de igualdade, das suas doaçons para a investigaçom de tais ou quais doenças... e isso tudo é libérrimo, como libérrimo é o dinheiro que investírom em organizar umha festa com *celebrities* como Naomi Campbell, mas antes disso estamos as trabalhadoras. Antes disso terám que cuidar a gente da empresa, toda a gente da empresa. E sim cuidam logística, sim cuidam fábrica, sim cuidam central.

"A resposta em comércio já é diferente: a clientela nom se importa se nom lhe vam mexer nas suas cousas. Assim sendo, parece lógico que os benefícios da empresa só fagam crescer e crescer, oferecendo números como os que há pouco saírom publicados sobre o último semestre"

Já agora, à parte o grande suporte social que estamos a ver, com que apoios internos conta a greve?

Esta greve supom um despertar das trabalhadoras, é a plasmaçom de umha luta muito longa. Além do que acabei de dizer, a situaçom de agravo nom impede que os companheiros de outros sectores como logística e fábrica apoiem a nossa luta: sabem que o que exigimos nos pertence. A resposta em comércio já é diferente: a clientela nom se importa se nom lhe vam mexer nas suas cousas. Assim sendo, parece lógico que os benefícios da empresa só fagam crescer e crescer, oferecendo números como os que há pouco saírom publicados sobre o último semestre.

em movimento

Trabalhadoras de Inditex no centro comercial As Cancelas, em Santiago de Compostela, durante a greve no passado 'Black Friday'. maria álvares

Fora da Corunha, recebemos apoio de comités sindicais da empresa na França e no Brasil, onde as trabalhadoras das lojas estám a encarar situaçons semelhantes à nossa, o mesmo que com a CGT de Madrid e de Ponferrada.

Pode-se prever umha convocatória mais abrangente?

Já a nível nacional, além da coordenaçom com a CGT de Ponferrada, é complicadíssimo planificar umha açom conjunta: som muitas as zonas do país sem representaçom sindical.

Se a UGT finalmente sim aderiu à convocatória por pressom das suas afiliadas e delegadas, as CCOO ficam claramente do lado oposto ao nosso: assinárom um acordo com a empresa sendo toda a sua representaçom um total de 2 delegadas num comité de Zara (e zero nas outras cadeias) para, além do mais, se desligarem posteriormente. Duas delegadas, cumpre dizê-lo, que fôrom trabalhar nos dias de greve.

Assim é complicadíssimo coordenar a açom sindical, mas nós assim o fazemos na medida do possível.

Que repercussom está a ter esta série de convocatórias para as trabalhadoras?

A verdade parece ser que a empresa nom contava com um sucesso tam notável. Às mulheres que trabalhamos nas lojas sempre se nos presumiu umha atitude silenciosa e submissa, mas agora estám a ver que isso mudou e que devem tomar medidas.

"Se a UGT finalmente sim aderiu à convocatória foi por pressom das suas afiliadas e delegadas, as CCOO ficam claramente do lado oposto ao nosso"

Para começar, figérom umha cousa que nunca tinham feito e é notificarnos, mediante o sistema de comunicaçom interno de Inditex, os direitos das pessoas que nom secundarem a greve e o desconto salarial das que sim. Também pola primeira vez recebemos comentários infravalorativos por parte de recursos humanos, do género de "pois a ver o que conseguides com esta greve", sabendo perfeitamente que som comentários que nom podem fazer.

Contudo, logramos que as lojas tivessem que abrir só com postos de responsabilidade, participando da greve a imensa maioria das trabalhadoras, fora as duas delegadas de CCOO que já mencionei.

Imagino que estes protestos doem mais à empresa por terem lugar na sua cidade natal, no coraçom da besta, onde abriu as primeiras lojas e onde muitas das empregadas o som desde os começos.

Assim é. Aqui muitas das trabalhadoras som conhecidas pola direçom com nomes e sobrenomes, o qual carga de significado ainda mais a reivindicaçom, como também a resposta da empresa.

Falando na resposta, houvo repressom policial?

Houvo. Acho umha cousa inusitada que os corpos policiais dirijam as suas forças a garantir que a clientela poda entrar numha loja e comprar. Máxime quando chegam a empurrar, como foi o caso, umha companheira grávida.

E a gente está com forças para continuar em frente?

Sem dúvida. O problema é que muita gente nem conhecia a nossa situaçom. Há estoquistas em armazém cobrando 35.000 euros ao ano enquanto nós cobramos 18.000, mas a gente isto nom o sabia. Agora que já estamos a ser ouvidas, nas nossas mãos está. Após as jornadas de 23 de dezembro e 7 de janeiro, veremos se nom há que convocar umha greve indefinida.

sa ca un tos
cooperativa gráfica
imagem corporativa
design web e editorial
impressom de livros e revistas
grande e pequeno formato
www.sacauntos.com

david castro

o bom viver

ronseis / A defunçom dos sexos / 20

cultura / De essencialismos fílmicos / 22

Nunca mais na memória

Passados vinte anos do seu nascimento, é momento de procurar umha memória do *Nunca Máis* em termos de conflito social. É necessário entender este movimento dentro de um ciclo de protestos que vai da LOU, em 2001, até a saída de Manuel Fraga do governo galego, em 2005. Fôrom três os pilares que alicerçárom o *Nunca máis*: as intelectuaism o partido e o próprio movimento social, produzindo cada um destes elementos as suas práticas específicas. Porém, se algo conformou o autêntico motor do movimento foi umha multidom pronta para o confronto. página 18

Cenário durante o espectáculo teatral 'Nevermore', estreado em 2021 pola companhia Chévere, sobre o afundimento do petroleiro 'Prestige'.

'Unha Gran Burla Negra' Nunca Mais perdermos a memória

redaçom

Nunca Mais (NM) é o nome coletivo que recebeu o conjunto de iniciativas de protesto contra a gestão do desastre ecológico, económico, cultural e social do afundamento do petroleiro *Prestige*, pelas palavras de Teresa Moure, uma das causas da crise de confiança que habitamos hoje.

São muitas as coisas que se têm dito deste movimento e, passados vinte anos desde o seu nascimento, impõe-se uma recapitulação à procura de uma memória do NM em termos de conflito social.

Em primeiro lugar é necessário entender o movimento como parte de um ciclo de protestos mais alargado, que começa em 2001 com a oposição à Ley Orgánica de Universidades (LOU) e que tem continuidade nos movimentos contra a invasão do Iraque e contra a continuidade de Manuel Fraga no governo autonómico galego nas eleições de 2005. Sendo este último um decalque da campanha contra Aznar e aqueles dois já eles próprios movimentos de alcance estatal, o NM foi o único netamente galego, bem como o mais potente e mobilizador na Galiza desde o fim da ditadura.

Três foram os pilares à volta dos quais se construiu e desenvolveu o NM, a saber, as intelectuais, o partido e o movimento social propriamente dito. Cada um destes elementos tem as suas energias e sinergias e, sobretudo, produz formas de cultura próprias e práticas específicas.

As intelectuais, as pessoas da cultura, são escritoras, artistas plásticas, atrizes e atores de cinema, televisão e teatro que, após uma época de certo refluxo relativamente à esfera pública, ressurgem por ocasião do Prestige e do NM para assumirem funções representativas: redigem e lêem manifestos, assistem a mobilizações, portam faixas, mas também desenvolvem esse tipo de ativismo no seu próprio âmbito. É assim que abrolham antologias de poesia sobre o *Prestige*, obras literárias e plásticas, concertos, recitais e outros produtos e eventos, muitas vezes promovidos pelas plataformas coletivas em que se organizaram *ad hoc* as pessoas da cultura. É o caso da Plataforma Contra a Burla Negra, Chapapote, as Redes Escarlata ou Mares de Tinta.

O partido, pela sua parte, foi, obviamente, o Bloque Nacionalista Galego (BNG). A preocupação do BNG com o problema do *Prestige* e o seu compromisso histórico com o NM não só se deixaram ver na altura, mediante a sua participação na convocatória de mobilizações e o seu confronto público com a gestão da questão: também anos volvidos conti-

Três foram os pilares do Nunca Mais: as intelectuais, o partido e o movimento social. Cada um destes elementos produz formas de cultura próprias e práticas específicas

nuam a exibir a bandeira preta com a faixa azul e as letras brancas em foros e meios nacionais e internacionais. Porém, como tal partido, a sua pretensão para com o NM foi assumir a sua chefia e mesmo lograr instrumentalizá-lo, tentando dirigir o seu caminho e marcar os seus limites. Neste senso, são eloquentes os relatos de militantes independentistas da altura, que lembram tentativas para a sua marginalização e mesmo exclusão.

Finalmente, os movimentos sociais são, da tríade acima apresentada, o elemento mais importante e que aqui mais atenção vai merecer. Em primeiro lugar, pela sua capacidade para superar as diretrizes do partido e para obrigar as intelectuais a cederem o centro. Em segundo lugar, pela sua incorporação de pessoas anónimas às iniciativas culturais próprias da intelectualidade, criando uma lógica cultural inclusiva e não especializada nem profissionalizada; pode-se citar como exemplo o Concerto Expansivo de 1 de fevereiro de 2003, que consistiu na celebração de 300 concertos simultâneos por todo o mundo. Nesta mesma linha de descentralização emergiu uma grande criatividade cultural, por assim dizer, difusa: os movimentos sociais, ao adotarem códigos estéticos, aceitam certos repertórios e descartam outros, resultando práticas culturais relativamente inovadoras. No caso do NM criaram-se grafites, murais, cartazes, faixas, consignas, microteatros... todos eles produtos culturais ligados ao âmbito das manifestações –que aliás constituíram um precedente para movimentos posteriores como o 15M ou a última vaga do feminismo–.

Aos movimentos sociais devemos eventos como a Marea Negra Gaiteira, em que além de exigir demissões pelo desastre do *Prestige* se ressignificava aquele instrumento, largamente folclorizado graças, entre outros, ao governo de Fraga; também o Velório do Mar, a cadeia humana de 50 km de estudantes ao longo da Costa da Morte, a chamada manifestação das malas e tantos outros acontecimentos resenháveis.

Porém, se os movimentos sociais dirigiram realmente o curso do NM, a sua relativa fraqueza organizativa não lhe permitiu consolidar uma memória própria. Como já foi dito, ao lado de distintas organizações –feministas, ecologistas, sindicais...– envolvidas no NM, houve milhares de pessoas anónimas, não engajadas na política até ao momento –nem possivelmente depois– que nutriram o corpo do movimento. Isto, se nalgum sentido pode ser uma virtude, foi um embaraço para a continuidade no tempo. Hoje o NM é em boa medida propriedade histórica do BNG, que já dissemos que mostra a simbologia sem receios; da mesma maneira, a produção das pessoas da cultura, das intelectuais, passou também para o museu e fica hoje disponível para quem quiser saber mais sobre a história do movimento.

Porém, quando nos interrogamos pelo que ficou da política depois do NM, quando rastejamos vestígios de conflito na memória do sistema, não encontramos continuidade nem quase sequer qualquer exemplo.

Contra esta desmemória nasceu em 2017 a associação cultural 'Unha Gran Burla Negra', que, sob o lema '*Creatividade popular e memoria do Prestige*', vem reconstruindo a memória do movimento social NM mediante a recuperação de cartazes, artigos e entrevistas, a celebração de debates e palestras, a organização de exposições e ainda iniciativas de outros tipos que se podem consultar no seu *site*. Com o financiamento de várias entidades públicas, a associação está a construir um grande arquivo que permita aceder a um conhecimento sobre o NM através de meios próprios.

Se a manifestação mais numerosa da história da Galiza passou para a memória como a manife dos guarda-chuvas, não devemos esquecer que aqueles guarda-chuvas eram segurados por pessoas

Os horizontes que abre este projeto suscitam, por enquanto, duas reflexões. Em primeiro lugar, as hipóteses que a iniciativa tem de ressignificar o mar da Galiza, se outrora associado à paz, ao prazer, à serenidade ou, enfim, à paisagem, hoje concebível como o cenário do conflito, como a premissa para a ação. Para concluir, o colocamento em primeira linha do autêntico motor do NM: as pessoas que o formaram, prestes para o confronto. Se a manifestação mais numerosa da história da Galiza passou para a nossa memória como a manife dos guarda-chuvas, não devemos esquecer que aqueles guarda-chuvas eram segurados por pessoas. Por isso, quando Xurxo Souto diz –e, agora também, Dakidarria canta– aquilo de que "Somos um povo de artistas!", a pergunta que devemos fazer, olhando para trás é: "mas... só de artistas?".

Daniela Ferrández Pérez
historiadora

charo lopes

MEMÓRIA DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS /

“Para podermos imaginar o nosso passado, temos de deixar de fora os estereótipos”

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

Em 'A defunción dos sexos. Disidentes sexuais na Galiza contemporánea', a historiadora e ativista LGBT, Daniela Ferrández Pérez, dá exemplos de como as normas sexuais e de género som subvertidas no nosso país. Através da sua investigaçom, Ferrández constrói umha cronologia na qual cada época tem os seus próprios fatores determinantes, dos ‘invertidos’ de finais do século XIX até o nascimento da comunidade LGBT nos começos do século XXI. Entre suas conclusons, Ferrández lança um alerta: "O passado nem sempre foi pior e o conquistado pode perder-se". A história nom é um avanço contínuo, “temos de estar atentos para que nom haja mais regressons”, salienta.

Que matizes podem perder-se se analisamos o passado com as perspetivas da atualidade?

A diversidade como tal sempre existiu. O ser humano é umha espécie diversa que expressou a sua sexualidade de diferentes maneiras. Mas se usarmos a palavra ‘sempre’ para falar sobre LGBT, acabamos por perder um matiz principal, porque o que define a dissidência sexual é a existência de umha norma que é construída dependendo do espaço e do tempo. Isto é o que define a discriminaçom sexual, como a diversidade é interpretada pola sociedade e como umha parte dela é perseguida. Se olharmos para o passado com o entendimento de que o LGBT sempre estivo lá, perderemos os matizes contextuais. A história nom pode ser entendida apenas como um mecanismo de legitimaçom, porque estaríamos a perder todas as liçons que estas situaçons nos dam como povo e a nível individual.

Ao longo do livro, apontas que algumhas dissidências sexuais sofrérom maior invisibilidade: mulheres lésbicas e pessoas transgénero. Quais som os fundamentos destas invisibilidades?

Depende do contexto de que estivermos a falar. No início do século nom havia realmente nengumha distinçom para as autoridades sobre aquilo que hoje entendemos como grupos diferentes, tudo se encaixava na mesma categoria, que era a ‘inversom sexual’. Agora bem, no franquismo acontece que há umha invisibilidade muito grande com respeito às lésbicas e às trans. A invisibilidade que existia com as trans era que elas nom existiam dentro do pensamento do regime.

Foi muito difícil para o regime franquista reconhecer a existência de lésbicas, porque procurava umha sociedade baseada na virilidade, na moralidade católica da família e no modelo do ‘anjo do lar’. Assim, reconhecer a existência de lésbicas implica reconhecer que existem mulheres que podem desfrutar do seu prazer sexual sem a necessidade de um homem, e isto era totalmente contra as prerrogativas de sexo e género do regime. Portanto, as formas de as reprimir nom podiam ser as mesmas que as formas de reprimir os homens homossexuais. A repressom que as lésbicas sofrérom durante o regime foi a sua negaçom, algo que ainda hoje acontece com muitas das identidades que estám integradas na comunidade LGBT.

Na Transiçom há outro processo que tem a ver com a visibilidade trans, porque é neste momento que na Galiza e no Estado espanhol há umha diferença entre o que se entende por homossexualidade e o que se entende por transexualidade. E, quando se produz essa separaçom, dentro dos próprios coletivos existe umha ideia do que é umha dissidência sexual legítima e o que é umha dissidência sexual ilegítima. A dissidência sexual legítima seriam todos aqueles homens gais que reproduzem o sistema heterossexual e capitalista. E isto implica a negaçom de tudo o que está fora desta realidade. Por outro lado, as lésbicas conseguírom organizar-se dentro do feminismo. Existem vários processos que tenhem vindo a decorrer até aos dias de hoje.

Em que momento podemos falar do nascimento da comunidade LGBT?

No país só apareceu no início do ano 2000, quando Laura Bugalho colocou a realidade trans na agenda, com o coletivo Transgaliza. É quando surgem novos debates e novas formas de entender a luita, quando surgem outros tipos de ativismo político que vam para além da própria consecuçom do casamento, e que recuperam dos anos 70 a ideia de que a dissidência sexual nunca seria livre sem umha mudança total na sociedade. Nos anos 90 havia bastantes coletivos, mas estavam concentrados nos homens homossexuais, por um lado, e nas mulheres lésbicas, por outro.

Tens destacado o caso do jardineiro dos Jardins Méndez Núñez, na Corunha, que foi

"Na Transiçom separa-se umha dissidência sexual legítima de umha outra ilegítima. A legítima seriam aqueles homens gais que reproduzem o sistema heterossexual e capitalista"

penalizado por nom ter informado às autoridades franquistas que aquele era um ponto de encontro de dissidências sexuais. Nas conclusons do livro indicas que isto permite-nos imaginar a dissidência sexual como parte de umha comunidade maior...

Quando existem iguais, esta comunidade ou protocomunidade pode existir. Quando umha pessoa nom sabe que existem outras como ela, é mais difícil do que quando se juntam como iguais. Porque é quando as iguais se juntam e partilham problemas que surgem possíveis soluçons. E isto é umha coisa que nos fala dessa comunidade. Mas o que eu queria mostrar com esta ideia é que nem todos em contextos de máxima repressom irám reproduzir os ditames morais e normativos do Estado. Este é um tópico que temos de abordar quando olhamos para o passado e também para o presente como um momento difícil. O hegemónico nom tem de ser sempre a maioria e nom tem de ser reproduzido em todas as pessoas. É também umha questom interessante a referir nas zonas rurais. Porque é que compreendemos que nas zonas rurais os mandatos sexo-genéricos que provenhem da ideologia normativa do regime eram melhor reproduzidos do que nas zonas urbanas? Eu penso que é um estereótipo. Penso que devemos verificar melhor as cousas e parar de usar estereótipos para imaginar o nosso passado e o nosso presente.

charo lopes

Lembrar o 'Ferrol Desviado'

No dia 3 de dezembro tivo lugar o roteiro 'Ferrol Desviado. Un paseo pola memoria das disidencias sexuais', que nasceu da colaboraçom da cooperativa Rexenerando com a historiadora Daniela Ferrández e com o objetivo de democratizar e popularizar os conhecimentos adquiridos na academia. Segundo a Rexenerando, esta iniciativa também nasceu com a intençom de ser mantida ao longo do tempo e de realizar mais sessons. O passeio realizado este mês esgotou os lugares disponíveis em poucas horas.

A actividade visitou vários pontos da cidade, fazendo um percurso através do tempo desde o início do século XX até aos anos 80 e marcando três fases distintas: desde o início do século XX até aos anos 30, a ditadura franquista e os anos 80. 'Ferrol Desviado' recuperou a memória de pessoas como a dissidente sexual Teresita, que passou parte da sua vida na cidade antes de migrar para Buenos Aires, de lugares de encontro como os cinemas de Callao ou as casas de banho da praça Amboage ou de casos de homossexualidade entre homens militares.

Este primeiro passeio de 'Ferrol Desviado' terminou no Ateneo Ferrolán, onde, em 1985, se realizárom os primeiros Encontros Galegos de Feministas Lesbianas. Para terminar, habilitou-se no Ateneo umha exposiçom sobre esses encontros e houve intervençons da feminista Nanina Santos, presente naqueles encontros na década de 80, e da ativista Ana Amigo, da Avante LGBT.

Como avalias tudo o que está a acontecer com a Lei Trans a nível estatal?

É um processo desgastante... As leis autónomas resolviam quase tudo para os coletivos, mas nom podiam entrar em competências estatais, como era o caso dos registos, e muitas questons destas leis nom podiam ser desenvolvidas, criando situaçons paradoxais. Portanto, a lei estatal era simplesmente umha formalidade que permitia que as leis autónomas pudessem desenvolver-se e realmente chegar às pessoas. O único que regula a lei estatal é a possibilidade de mudar relatórios ou a tua documentaçom no registo. Tal como está em Portugal na legislaçom desde 2018.

Foi e ainda é um processo muito doloroso porque levou a que esta questom fosse utilizada por muitos sectores como bode expiatório. Independentemente do que se aprove no Congresso já perdemos muitíssimo e nom sei se o poderemos recuperar algum dia. Além disso, o que está agora no Congresso nom tem nada a ver com o que foi estabelecido polos coletivos, umha vez que foi cortado para agradar a vários sectores, e em lugares como a Galiza poderia até ser regressivo. Deixa-me explicar: existe um grupo de famílias de crianças trans, Arelas, que desde 2016 tem conseguido alterar a documentaçom das crianças nos tribunais galegos. Se a lei colhesse as emendas do PSOE que dim que nengumha pessoa de menos de 14 anos pode fazer esse tipo de mudanças a lei estaria a ser regressiva. Mesmo assim, a autodeterminaçom de género que recolhe é umha medida fundamental para continuar a avançar para a plena igualdade. Considero que a despatologizaçom é urgente. Mas precisamos de ler tudo isto com matizes e ver os problemas que está a trazer.

Fotograma do filme 'As Bestas'.

De essencialismos fílmicos

julio vilariño
cineclube de compostela

Nas últimas semanas *As Bestas*, de Rodrigo Sorogoyen, converteu-se no filme que toda a gente está a comentar por várias razons, muitas nom precisamente elogiosas: "mirada torva", "ultraje", "desprezo nacional" e mesmo "galegofobia". O que há disso no sucedido filme do diretor madrileno?

O roteiro da obra adapta, de jeito livre, o tristemente célebre crime de Santoalha do ano 2010, passando os conflitos económicos das propriedades dos montes comunais às vendas de terrenos para parques eólicos. Estamos ante um filme que parte da estrutura dum *western*, e devemos lembrar aqui que este é o género por excelência da construçom da tradiçom do progresso frente ao selvagem. Temos assim um enfrentamento entre a 'civilizaçom' e a 'barbárie', que coincidem também com dous filmes mui mencionados à hora de falar de *As Bestas*: *Straw Dogs* de Sam Peckinpah e *Deliverance* de John Boorman, referentes mui evidentes para o diretor madrileno.

Problemas? O filme pretende, no mínimo de inicio, umha simplicidade narrativa que acaba caíndo em simplezas de todo tipo. Aliás, nos momentos em que trata de dar profundidade ao relato mediante alegorias visuais, como a metáfora estabelecida entre a cena da rapa das bestas que abre o relato e a resoluçom da sequência do assassinato ao final da primeira parte, resulta umha brega folclorista sen muito peso narrativo, mais irritante polo ridículo que ofensiva em termos identitários.

Porém, o mesmo que se pode apor ao filme encontrámo-lo também em recentes obras de ficçom galegas como o *Jacinto* (2021), de Javi Camino, ou de diretoras já assentadas no nosso sistema audiovisual como *O Corpo Aberto*, de Ángeles Huerta (2022): aparecem o olhar condescendente, os estereótipos sobre o atraso e a fascinaçom que exerce nas personagens civilizadas a escuridade (metafórica e visual) dum rural que se converte em refúgio e possibilidade. Esse essencialismo, com certeza, non se afasta muito da conceiçom de muitas das obras do Novo Cinema Galego tam admiradas noutras ocasions. Que diferença há aqui entre a construçom atávica do sentimento nacional e a proposta de Sorogoyen? O mito do bom selvagem e o mal selvagem como duas caras da mesma moeda. A aldraje aqui reside em que o filme esteja realizado por um diretor forâneo; isto levanta toda umha serie de suspeitas em forma dum mal entendido 'corporativismo' nacional.

Por outro lado, o achegamento do filme ao rural tampouco difere muito doutras aproximaçons do cinema do Estado (com maior ou menor fortuna) como podem ser *Furtivos* de Borau, *Un cos al bosc* de Jordá, ou *El séptimo día* de Saura. De facto, a cena central d'*As Bestas* oferece as razons e motivos que levam ao conflito entre as duas partes e mesmo oferece algo de luz sobre o *modus operandi* do sector eólico em termos económicos, mui ausente no nosso cinema.

Contodo, o resultado final é um filme superficial, medíocre, com momentos mais ou menos conseguidos, mas carente de qualquer interesse sociológico, com críticas que erram o tiro focando umha questom linguística completamente justificada em termos narrativos e que quer ver, talvez de maneira forçada, um símbolo da Galiza nos personagens de Luis Zahera e Diego Anido. O que nos parece mal que é que a roupa suja seja lavada fora da nossa casa.plximaginário mental da sociedade.

CENTROSOCIAIS

COMPOSTELA/
O PICHEL
Santa Clara
CASA DE SAR
Curros Enríquez

VIGO/
DISTRITO 09
Coia
FAÍSCA
Calvário
A REVOLTA DO BERBÊS
Rua Real

OURENSE/
CSO A KASA NEGRA
Perdigom
A GALLEIRA
Praça Sam Cosme

SALZEDA DE CASELAS/
O MATADOIRO
Senda do rio Landres

RIBEIRA/
CSA O FERVEDOIRO
Rua Mendes Nunes

LUGO/
CS MÁDIA LEVA
Serra dos Ancares
CS VAGALUME
Rua das Nóreas

A CORUNHA/
CS A COMUNA
Doutor Ferrant
CS GOMES GAIOSO
Marconi
ATENEO LIBERTÁRIO XOSÉ TARRÍO
Gil Vicente

FERROL/
CS ARTÁBRIA
Trav. Batalhons
ATENEO FERROLÁN
Magdalena

NAROM/
CS A REVOLTA DE TRASANCOS
Alcalde Quintanilla

ALHARIZ/
CSA CAMBALHOTA
Caminho do Castelo

A GUARDA/
O FUSCALHO
Frente a Atalaia

PONTE D'EUME/
LS DO COLECTIVO TERRA
Avda. da Corunha
CSOA A CASA DA ESTACIÓN
Avda. Ferrol

BURELA/
CS XEBRA
Leandro Curcuny

PONTE VEDRA/
LICEO MUTANTE
Rosalia de Castro

CANGAS/
A TIRADOURA
Reboredo

CASTROVERDE/
A CHAVE DAS NOCES
Sam Juliam de Pereiramá

SÁRRIA/
BURIL
Travessia da Rua Nova

isto nom é um periódico

nas tuas maos tes umha ferramenta
feita com o trabalho de muitas pessoas que cada mês fam a sua achega à construçom dum meio próprio, que acompanhe a galiza que se move e abra fendas nas estreitas paredes do discurso dos poderes.

mas esse trabalho, do jornalístico à distribuiçom, move-se graças ao motor da nossa comunidade de leitoras. desde a aposta firme na independência informativa, as subscriçons som a garantia de mais e melhor informaçom crítica, mais e melhor novas da galiza.
por isso, está também na tua mao.

fai-no possível
em www.novas.gal/loja

roberto dias

Gião Neto
da Semente Ourense

“As crianças da Semente tenhem a língua fortalecida”

elena martín lores
elenamartinlores@novas.gal

O projeto educativo Semente conseguiu há umhas semanas o objetivo de 7.000 euros para abrir umha nova escola em Ourense. Gião Neto, sócio da Semente Ourense e vogal da diretiva da nacional, conta porque é importante esta notícia e anima as pessoas “a conhecer desde dentro” como funciona esta forma de “ensino coletivo em galego”.

Como surgiu a Semente Ourense?

Esta é na realidade a segunda tentativa de formar umha Semente em Ourense. A primeira foi há seis anos. Eu, de facto, daquela estava na de Vigo e quando cheguei morar aqui, em Ourense, o tema já esmorecera. Porém, a raíz de que à Semente nacional chegárom várias petiçons de gente interessada em Ourense, naceu este segundo intento.

Assim, organizou-se umha reuniom na Galheira –à qual assistírom essas mesmas famílias e mais gente, como o coletivo Porquemepeta–, decidiu-se ir movendo o tema e ver se poderia ir avante. Isso foi há um ano. Este ano dedicamo-lo a organizarmo-nos, procurarmos um local e fazermos a campanha de *Goteo* para conseguir fundos para reformar o baixo que nos cedeu a Associaçom de vizinhas de Seixalvo, e adaptá-lo a umha atividade de educaçom infantil. Contodo, a campanha também a lançamos para darmo-nos a conhecer, porque polo de agora apenas somos 18 pessoas sócias na Semente Ourense, e qualquer das outras Semente, que já estám a funcionar, andam polos 50 e os 130 sócios e sócias. Sabemos que um mínimo de 50 pessoas sócias som necessárias para dar estabilidade ao projeto, por isso, animamos a gente para se associar e/ou fazer pequenas atividades com nós –podem-se anotar desde a nossa *web*–.

Tendes já data para abrir?

Sim, setembro de 2023. Pugemos umha data de início para evitar que o processo se alongue de mais. Porque isso foi o que aconteceu na outra ocasiom, perdeu-se a tensom do momento e, quando nom vês a meta, corres o risco de que os projetos esmoreçam.

Tendes esperança de que, no futuro, a educaçom pública seja em galego?

É complicado. Penso que depende da administraçom da Junta. Os dirigentes atuais nom tenhem vontade nengumha de proteger e incentivar a língua. Atualmente, o galego é mais suboficial que cooficial. Umha anedota que acho esclarecedora: numha escola concertada de Vigo, eu estudava física, química e matemática em galego. Hoje, o mesmo professor que eu tinha dá aulas de física e química às minhas sobrinhas em castelám. Se cadra é umha casualidade, mas é indicativo do que está a acontecer com o galego. Para mim o ensino devera ser em galego para todas, como em Madrid é o castelám, mas a curto prazo tenho poucas esperanças. Por isso, penso que um modelo como a Semente vai ser sempre necessário. Oxalá nom o fosse. Mas, para além da língua, as Semente som escolas que tenhem contacto com a natureza, com o bairro... algo que nom se vê em muitas escolas públicas. Há mesmo gente que se achega a nós polo modelo pedagógico e nom estritamente polo ensino em galego.

Como animarias umha pessoa nom conscientizada para ir à Semente?

Diria-lhe que primeiro nos visite e veja por si própria. Sempre há preconceitos e o melhor é conhecer-nos desde dentro. Incluso gente que viu sem saber nada, tivo experiências mui satisfatórias e saiu dizendo que tinha sido umha boa escolha. E, polo que me contam, as crianças da Semente, mesmo quando saem para outras escolas, nom perdem a língua como acontece com outras nenas e nenos.

Polo bem do projeto

Marcos Abalde Covelo

Ciclicamente, manifestam-se comportamentos que danam gravemente a sustentabilidade dos coletivos e a própria saúde da militância:

Polo bem do projeto, encirram umhas companheiras contra outras, estendem a desconfiança, enfraquecem os vínculos, distorsionam a realidade, dizem meias verdades, semeiam o desencanto, criam um ambiente irrespirável, ponhem-se medalhas e pensam que nom se ponhem medalhas, proponhem umha cousa e a contrária, enchem a boca com grandes palavras.

Polo bem do projeto, fiscalizam cada decissom, realizam rondas de chamadas, nom permitem a renovaçom da diretiva, jogam sujo, sequestram as contas, colocam marionetas para darem a cara.

Polo bem do projeto, despregam o campo semântico da guerra, tratam as companheiras como inimigas, reduzem-nas a objetos descartáveis, nom detenhem as agressons, sentem-se com legitimidade, alimentam o seu narcisismo, atrapalham o passo, espalham boatos, murmuram, isolam, fam o vazio, rim, choram.

Polo bem do projeto, primeiro expulsam a gente e depois acusam-na de abandonar o projeto.

Polo bem do projeto, impossibilitam a convivência, implementam o protocolo fratricida, forçam a dissoluçom da comunidade, absolvem-se repartindo culpas em partes iguais, escolhem olhar para outro lado, impor a amnésia, lavar as maos, obviar o tema, propagar o fatalismo, ir para a frente.

Polo bem do projeto, ninguém realiza reflexom nengumha, ninguém se desculpa, ninguém imagina umha comissom ética.

Polo bem do projeto, convertem o projeto em mais um produto de distinçom, privatizam-no, restam importância ao afundimento do projeto.

Polo bem do projeto, destroem o projeto para salvar o projeto.

O autor deste artigo evita o nome do projeto. Acha que a questom nom é o nome, mas desenhar mecanismos para deter a dominaçom.